

## **A MULHER E A DOCÊNCIA: HISTÓRIAS DE MILITÂNCIA**

Dilcelene Quintanilha de Resende Cordeiro – UFF

Estando em pesquisa<sup>1</sup> durante o Mestrado em Educação, deparei-me com um dado aparentemente bastante comum com relação à docência: mais de 90% dos profissionais da educação são mulheres. Lidando com monografias catalogadas num curso de especialização em Alfabetização, observei que apenas quatro foram produzidas por homens, isto é, 6,7% do total, o que implica dizer que todas as demais - 93,3% - foram escritas por mulheres. Esses dados me levaram a pensar que, dentre os aspectos que atravessam o processo de formação de professoras alfabetizadoras estão aqueles relacionados às questões de gênero. E, aceito o convite ao estudo da presença da mulher na história da educação, aparecem muitas descobertas.

### **Sujeitos na história da educação: mulheres**

Mulheres, brasileiras, latino-americanas. Mestiças, caboclas, brancas, negras, índias. Maria, Stella, Ângela, Glória, Lilian, Denise, Marcela, Juliana, Sofia, ... Somos muitas e de muitas cores. Feitas de lágrimas e sorrisos. Somos professoras. Somos pesquisadoras. Temos histórias, temos marcas, temos *saberesfazeres*.

Glória é professora. Iniciou sua trajetória docente aos treze anos como explicadora e mais tarde ingressou no magistério público estadual, passando a atuar em classes de alfabetização e de 1ª série<sup>2</sup>, até ser remanejada para atuar no Curso de Formação de Professores, suprimindo a carência de professores com ensino superior na Rede Estadual do Rio de Janeiro. Vivendo *o interior da escola*, essa mulher vai buscando alternativas, para si e para outras professoras, que as ajudem a superar as dificuldades que surgem durante o processo de construção da leitura e da escrita de crianças das classes populares que, historicamente, são excluídas socialmente com a ajuda do fracasso escolar. Em seu percurso, muitas experiências, muitas perguntas, muitas indagações que a levaram a seguinte questão: *como se constrói a professora reflexiva, pesquisadora, comprometida com a transformação e aperfeiçoamento contínuo de sua prática pedagógica?* Buscando diálogo para empreender sua busca, encontra o Curso de Especialização em Alfabetização, o que resulta também,

---

<sup>1</sup> A pesquisa teve como foco o(s) processo(s) de formação de professoras alfabetizadoras. Para realizar o estudo recorri a monografias produzidas por professoras alfabetizadoras durante curso de especialização em Alfabetização, buscando problematizar o que elas revelavam de seu processo de formação através da escrita. Das sessenta monografias catalogadas, após contato inicial com todo o material, cinco delas passaram a compor o *locus da pesquisa*. Neste texto, faço referência às cinco professoras autoras.

<sup>2</sup> Com a mudança na nomenclatura, lê-se 1º e 2º anos do Ensino Fundamental.

não só, na monografia *Formação de Professoras Alfabetizadoras – Do Individual ao Coletivo, da Reflexão à Ação – Uma prática que se constrói* (1999).

Lilian é professora. Apaixonada, desde criança, por atravessar portões e buscar o diferente, quando já atuante como professora, manteve-se atenta a discutir os desejos, descobertas, decepções e saudades das crianças, que como ela, enfrentam passagens. Apaixonada também pela Literatura Infantil, encontra na personagem *Alice* a ajuda necessária para mostrar as transformações que ela, professora, vive e também os alunos que passam da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. *As aventuras de Professora-Alice no País da Pesquisa & As aventuras de Alunos-Alice no País da Escola* (2003) é/são título/s de seu texto monográfico escrito de forma inusitada para os padrões acadêmicos: ela utiliza uma espécie de narrativa, um conto para expressar suas descobertas.

Stella é professora. Tendo experimentado dezoito anos de docência, recorda experiências com sua primeira turma de alfabetização, numa escola pública em Santa Cruz, região oeste do município do Rio de Janeiro. Essas memórias a fazem perceber que as frustrações foram/são os componentes fundamentais na geração de conflitos que anunciaram (re)descobertas em sua formação. Vindo a compor a equipe da Divisão de Educação na 4ª CRE, passa a atuar junto às professoras e em sua monografia, *Pequenas histórias e reflexões de uma professora alfabetizadora* (1997), narra duas situações, experimentadas em duas escolas nas quais atuou, para discutir o papel da professora, destacando que seu caminhar em direção ao conhecimento envolve ousadia, compromisso e paixão político-transformadora.

Denise é professora. Criada no seio de uma família de classe popular, aprende ainda na infância que a palavra pode ser partilhada e tornar-se instrumento de luta na conquista de melhores condições de vida. Ao ouvir que a escola pública morreu e as assassinas são as professoras que sequer conseguem alfabetizar, indignada, Denise coloca-se diante do desafio de mostrar, através da escrita, que há vida e muita aprendizagem na escola em que atua, onde ela e suas colegas, também *professoras-pesquisadoras*, taticamente, constroem possibilidades. *Nem mocinhas, nem vilãs: professoras-pesquisadoras* traz parte de seu processo de (trans)formação.

Angela é professora. Nascida num bairro da Baixada Fluminense, aos seis é levada pela mãe para a casa dos padrinhos para que seja mais bem cuidada, e à escola foi conduzida pela madrinha que sempre demonstrou muita paciência quando convidada pela professora para ouvir suas queixas. Já

formada, e em exercício docente, não entendia porque muitas professoras não se reconheciam como alfabetizadoras, apesar de terem oficialmente este título. Durante os desafiantes encontros no Curso de Pós-Graduação faz uma descoberta que modifica sua prática: percebe-se mulher negra e, na tentativa de reconstruir sua identidade, lança-se a muita pesquisa. Em busca de respostas, faz entrevista com quatro professoras alfabetizadoras e descobre muito sobre o processo de formação das professoras. Sua monografia, “*Sou professora de 1ª a 4ª série e não professora alfabetizadora*” – *Algumas questões sobre o tornar-se professora alfabetizadora* (2001), traz suas memórias, suas descobertas e as narrativas de outras professoras também em (trans)formação.

Estas são as professoras alfabetizadoras autoras.

Suas histórias me levaram a uma questão da qual não pude escapar e simplesmente passar sem me deter por algum tempo dada à atenção que o tema insistiu em requerer: a questão da presença da mulher na docência. Durante a pesquisa, não pude avançar sem destecer alguns fios desse complexo tema, portanto trago algumas reflexões, tendo como embasamento teórico o livro *Fontes da Pedagogia Latino-Americana* (2010) no qual encontramos textos selecionados de diferentes personalidades latinas que, de modo geral, não se encontram nos manuais de didática ou nos livros de História da Educação. O destaque é para as mulheres brasileiras/latino-americanas que aparecem no cenário educacional, considerando suas repercussões sociais, culturais e políticas.

Escavar parte da história da educação e escovar *a contrapelo* a versão que nos contaram, creio, é um pouco do exercício que, como professora pesquisadora, ousei/ouse viver; caso contrário, correria/corro o risco - mais sério e perigoso que o de me perder – de manter-me segura em falsas verdades, envolta profundamente como que numa névoa.

Enquanto lia as monografias, meus olhos eram convidados a fixarem-se em perguntas, inquietações com as quais outras mulheres, professoras, pesquisadoras também se depararam: *de onde vem esse medo que parece impedir que tantas docentes realizem um trabalho tão importante: ensinar alguém a ler e escrever, tarefa que aparentemente faz parte da formação de toda aspirante a educadora? Será que por se sentirem despreparadas?* – Angela. *Como ocorreu (será passado?) com os povos Indígenas das Américas não ocorre também com as professoras? A expressão da sua palavra não tem sido controlada e, por muitas vezes, até negada, proibida?* – Denise. *O que aconteceu? O que me levou, apesar de toda a minha dedicação e paixão pelo ato de ensinar, falar para alguém e me tornar íntima do conhecimento e das crianças a reprovar alunos e alunas, julgando que nada sabiam?* – Stella. *Afinal, quem seria ela [a professora]?* – Lilian. Questões que me colocaram diante outras: quem somos nós? Mulheres, professoras, pesquisadoras?

Inquieta com tais questões, encontrei personagens como Nísia Floresta, Maria Lacerda de Moura e Gabriela Mistral nas páginas da história da educação brasileira/latino-americana, cujas contribuições alguns livros decidiram deixar de fora. Nossas conversas(leituras) provocaram um turbilhão de pensamentos que impulsionaram a escrita na tentativa de registrar o movimento reflexivo vivido, em particular, enquanto professora pesquisadora que se depara com as questões de gênero, de raça e de classes no cotidiano escolar, tendo como pano de fundo as relações de poder. Questões históricas. Questões enfrentadas por professoras no passado e ainda hoje.

Os fragmentos de pensamento, como as conversas, vão saltando de um assunto ao outro, do passado ao presente, também passando pelo futuro, sem muito compromisso com rígidas conclusões, mas tecido com muita sensibilidade, forjados das angústias que afligiram o corpo e a alma daquelas se aproximaram do cotidiano múltiplo e complexo da educação.

### **Mulheres militantes**

Nísia Floresta – como gostava de ser chamada Dionísia Gonçalves Pinto<sup>3</sup> – ativista dos direitos humanos das mulheres, lutou no Brasil pela reforma da educação das meninas. Seus escritos e ideias revolucionários marcaram uma época, pois acreditava que uma sociedade que se deseja progressista, desenvolvida, precisava preocupar-se com a educação oferecida às mulheres que, mesmo em seus passos iniciais, já se mostrava contaminada pela discriminação.

Os registros históricos nos mostram que as primeiras escolas não se destinavam às meninas, pois estas deveriam instruir-se apenas nas *prendas domésticas*; com o passar dos anos, algumas escolas, principalmente as confessionais, iniciaram turmas para o sexo feminino. No currículo para as meninas vemos a concepção de educação que se quer para estas: “*Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas, logo, algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura.*” (LOURO, apud VASCONCELOS, 2004, p.2)

---

<sup>3</sup> Filha do advogado e escultor português Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa e da dona de casa Antônia Clara Freire, Nísia Floresta nasceu em 12 de outubro de 1810, Papari – RN, cidade que hoje leva o seu nome. Faleceu aos 74 anos, vítima de pneumonia.

As híbridas relações entre saber e poder já se mostram desde o início. A quem terá o poder, mais saber (do ponto de vista hegemônico) – o homem, pois o poder define e legitima o saber. Eis o princípio da *colonialidade do poder* (MIGNOLO, 2007).

Um dos instrumentos escolares para reprodução da segregação social, fundada nas diferenças de raça, classe e sexo, foi e ainda é o currículo. Ainda hoje, encontramos a imagem da mulher e do homem, do negro e do branco, do rico e do pobre, estereotipada como naturalmente dicotômicas em muitos currículos escolares. Nessa trama – currículo –, se tecem também os fios de ideias que sustentarão ações de agressividade contra o diferente, porque se pensa ser inferior. Alguns conteúdos contribuem para que a criança construa o seu *eu social, os seus padrões diferenciais de comportamento e assimile o modelo com o qual se deve identificar para ser mais mulher ou mais homem* (Idem, p. 5), bem como favorecem para a formação de uma postura que desqualifica tudo que se diferencie daquele modelo a ela apresentado como ideal. Produz-se, pois, a hierarquia de saberes.

Tentando um giro distinto, há que se pensar no currículo como parte de um modo outro de olhar e viver a escola, onde seja desejável e possível produzir práticas culturais e de significação que garantam um mundo onde caibam muitos outros mundos. Fico intrigada: que conteúdos, posturas e práticas permitem essa abertura ao diálogo entre diferentes?

A professora Angela revela, em seu texto monográfico, que durante as aulas do curso de especialização teve oportunidade de entrar em contato com militantes negros e pesquisadores da história da África e as relações que estabeleceu com estes grupos abriu portas para a busca de sua identidade como mulher negra. E eu me pergunto: Que identidades constroem os alunos a partir das relações que vivenciam na escola?

Tendo vivido experiências formadoras, Angela pensa(escreve): *Se eu soubesse antes o que agora começo a saber, poderia ter sido melhor professora ao lidar com os alunos e alunas negras como eu, da classe popular, fortalecer-lhes histórica e socialmente* (RAMOS, 2001, 45). Esse, creio, não é simplesmente um sentimento/pensamento nostálgico. É processo de (trans)formação, onde a prática refletida com a ajuda da teoria é ressignificada.

Angela entende que a condição de mulher, de integrante da classe popular e de negra são os fios que tecem o seu ser, o seu fazer, o seu pensar, e que permitem desconstruir a ideia de indivíduo e construir o sentido de sujeito histórico-social. Esse processo de (trans)formação gera um outro

modo de lidar com seus alunos e alunas também negros e negras, da classe popular. Esse é também um *giro epistemológico*.

Ao perceber na história que a mulher é esse outro sujeito que chega à escola feita para os homens e provoca a adaptação curricular, fico pensando no cuidado com as práticas ditas inclusivas que têm também o mesmo caráter: “adaptar a escola para a diversidade”. O caminho é esse mesmo: reduzir, simplificar, restringir? A experiência com as mulheres nos ajuda a pensar que talvez sejam outros os caminhos, se não queremos a manutenção da desvalorização da educação e da negação do diferente como legítimo outro.

Nísia Floresta trouxe para as discussões da educação as questões de gênero, numa época em que era ainda mais forte que hoje a crença de que o homem tem como características a força e a racionalidade, enquanto a mulher, ao contrário, a fragilidade e a volatilidade, sendo estas últimas, características extremamente nocivas ao exercício da intelectualidade. Não sendo questionadas, essas relações foram/vão se instaurando como verdades.

Ela propôs em seu tempo uma reforma do comportamento, posição e atuação política das mulheres, na qual a educação teve especial destaque. Autora de poemas, romances, novelas e ensaios, reconhecia o poder de deter a tecnologia da escrita e a usava como instrumento de luta a favor da educação da mulher, sendo reconhecida como precursora do feminismo no Brasil por seu texto *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*.

Hoje, idos pelo menos dois séculos, fico pensando se a desvalorização da educação no Brasil e, em especial, do ofício docente não se efetivou também porque se encharcou do feminino, já socialmente afirmado/negado como simples, pouco profundo, sensível demais para ser racional, deficiente, menor. As pesquisas demonstram que a grande maioria dos profissionais que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental é do sexo feminino. O Anuário Brasileiro da Educação Básica - 2012 revelou que dos 2.005.734 professores da Educação Básica, segundo Censo 2010, 1.625.420 são mulheres, ou seja, aproximadamente 94%. Lutar pela ressignificação da mulher na sociedade implica lutar também pela valorização da educação dos sujeitos a quem por muito tempo foi (em alguns casos, ainda é) negado o acesso ao saber e/ou a quem teve/tem o seu saber desqualificado, a mulher, por exemplo, e também as crianças das classes populares.

Nísia contraía seu coração com a educação oferecida à mulher brasileira de sua época:

*... o coração se nos contrai no peito ao contemplarmos o nosso Brasil, tão rico, tão grandiosamente excedendo a todas as nações do mundo em recursos naturais, precisando lutar, ainda no século XIX, com grandes dificuldades para oferecer às mulheres uma tênue parte da instrução que as classes mais baixas daqueles países da Europa e dos Estados Unidos podem facilmente obter. (FLORESTA, apud ROSA, 2010, P.95)*

Essa contração no coração ainda sentimos hoje, quando pensamos nas crianças das classes populares a quem até a alfabetização é difícil oferecer e alguns querem fazer crer, que o problema está na incapacidade dos alunos ou na incompetência das professoras, como se fora tão simples a questão e não envolvesse aspectos sociais, culturais, políticos, entre outros.

Parece que ainda hoje, o que se espera da professora é uma postura de submissão aos mandos e desmandos, não mais do marido, mas daqueles e daquelas que ocupam o poder (diretoras, coordenadoras, supervisoras, secretárias de educação,...). Não é essa história que queremos continuar. Por isso, buscamos construir outras possibilidades. Somos *professoraspesquisadoras*. Sensíveis, sim, aos gritos silenciosos das crianças das classes populares que povoam nossas salas de aula e não aprendem. Fortes, também, porque não desistimos apesar das precárias condições.

Stella registra em sua monografia a frustração que ela e seus alunos sentiam: *Frustrava-nos! Tanto eu, quanto a maioria dos(as) alunos(as) que tive, sentíamo-nos frustrados. Eu porque não conseguia ensinar a todos e quem não aprendia por não aprender* (MACEDO, 1997, 3). Perturbada por esta frustração, se permitiu viver conflituosamente, participando de movimentos políticos, greves, foi reconhecendo e respeitando sua própria história de vida, entendendo suas origens e até seus preconceitos, identificou-se mais com seus alunos, percebeu as relações de poder tecidas no cotidiano escolar, discutiu suas contradições e antagonismos, entendeu seu trabalho como prática política. (Trans)formou-se.

As posições femininas no processo histórico não foram sempre passivas, como faz parecer a versão hegemônica em que as vozes das mulheres pouco aparecem. As formas de resistência, de re-existência, de luta são inúmeras e, às vezes, são cobertas por uma aparente passividade.

Se pensarmos também sobre a postura dos alunos das classes populares frente o insucesso que, aparentemente, é de pura passividade, talvez nos cause surpresa a constatação de que a indisciplina é uma *tática* (CERTEAU, 2011), um modo de falar que alguns alunos aprenderam a utilizar para abalar nossas certezas pedagógicas, assim como o que se apresenta como não aprendizagem. Com

os alicerces desestabilizados somos impulsionados a repensar a prática. Somos instigadas a pesquisar. Então, mantemo-nos em (trans)formação. Na escola. Na universidade.

### **Militantes escritoras**

Figura de destaque no cenário político de seu tempo, a professora Maria Lacerda Moura<sup>4</sup> debatia, por escrito, com os intelectuais de sua época - comunistas, anarquistas, educadores, democratas, jornalistas – questões relativas à mulher e à criança, sobretudo quanto à educação destas, pois estava convencida de que a *educação é uma força revolucionária e de que sua missão seria exercê-la*. (LEITE, apud EGGERT, 2010, p. 200)

A professora-autora entendia que, para rever as desigualdades sociais existentes entre gêneros, bem como seus efeitos sobre a situação da mulher na sociedade, era preciso repensar a educação oferecida às mulheres, pois a ignorância e a infantilidade da mulher eram cultivadas pela sociedade, não eram características naturais. Para ela, era/é possível à mulher exercitar o pensamento e produzir um modo outro de se relacionar com o mundo.

Lacerda tinha um instrumento de luta próprio: a escrita. Utilizava-o para enfrentar os preconceitos, as desigualdades. Assim também, quando escreve sobre seu fazer, a professora ousa sair do seu papel de cumpridora de regras já prescritas e se lança à autoria de seu texto e de sua prática.

É, portanto, falsa a idéia de que a professora não escreve. Reproduz sempre o que já se escreveu. Maria Moura não foi a primeira nem a última a lutar, a debater por escrito. Ao exercitar sua autoria ela recusa o papel de serva, de reprodutora, atribuído às mulheres pelos homens. Ela reconhecia a força das palavras que, já não sendo mais suas, ganham publicidade, e permitem questionar o óbvio, dizer o não dito, pensar o impensável, produzir *contrapalavras* a palavras já ditas e afirmadas como verdades.

Ao escrever, a professora compartilha sua angústia, converte *a fala interior em exterior* (ESTEBAN, 2003, p. 137).

Denise, para apresentar sua monografia, elabora uma *Carta aos leitores e leitoras* que traz um pouco do misto de sentimentos que a habitam quando ousa escrever:

---

<sup>4</sup> Mineira nascida em 16 de maio de 1887, Maria Lacerda publicou obras como *Em torno da Educação (1918)*, *Renovação (1919)*, *A mulher é degenerada?(1924)*

*... preciso revelar logo de início que, se por um lado causa-me uma grande sensação de liberdade o fato de escrever as minhas palavras (grande desejo sempre cerceado), por outro sinto também aquele famoso frio na barriga na hora de começar a escrever: afinal de contas, quem disse que tomar a palavra e dizê-la sem medo de errar, ou ainda, perguntar muito mais que responder, são tarefas fáceis???* (SILVA, 2003, 10)

Compreendendo as múltiplas possibilidades que se conquistam com a aquisição da escrita autoral, é preciso intensificar o compromisso com práticas que favoreçam essa aprendizagem às crianças das classes populares. O desafio é grande. Pois, nota-se que o projeto de educação que ainda hoje vigora, apesar do discurso em contrário, propõe uma escrita que seja cópia do já escrito. Isso se mostra em provas aplicadas em todo território brasileiro (Prova Brasil, Provinha Brasil, entre outras) onde se quer uma resposta certa entre as opções já dadas, sem nenhum espaço para o questionamento, para novas perguntas ou outras respostas.

Em seu texto *A mulher é degenerada?*, Maria Lacerda (MOURA apud EGGERT, 2010, 205) propõe uma revolução: “... é indispensável uma revolução na educação, a fim de ruir todo o edifício antigo e reconstruir novos alicerces... deve-se instruir até poder conceber a finalidade da vida, realizando o seu mundo interior, conhecer-se – ‘para aprender a amar’.”

### **Escritoras professoras**

Professora desde os 15 anos em escolas rurais no Chile, a educadora e poetisa Gabriela Mistral<sup>5</sup> utilizava como lema um de seus pensamentos pedagógicos - *Ensinar sempre: no pátio e na rua, como na sala de aula. Ensinar com a atitude, o gesto e a palavra.* (MISTRAL, apud ADAMS, 2010, p. 219)

Entre outros, destacam-se o seu compromisso com o desafio da alfabetização das crianças, pois acreditava ser possível uma América melhor. Por isso lutava. Ocupava-se com a infância. Em seu texto *Paixão de ler* (Idem, p. 223) sugere o seguinte:

*A primeira leitura das crianças seja aquela que se aproxima o máximo possível do relato oral, do que vem saindo, ou seja, dos contos de velhas senhoras e dos acontecimentos locais. Folclore, muito folclore, todo o que se puder, que será o que se quer. Trata-se do momento em que a criança passa dos joelhos femininos para o seco banco escolar, e qualquer alimento que se chegar a ela deve ter a cor e o odor daqueles leites de antontem.*

---

<sup>5</sup> Filha de pai professor e mãe bordadeira, Gabriela Mistral nasceu numa pequena comunidade de Vicuña, Vale de Elqui, Chile em 1889, vindo a falecer em 1937.

À frente de sua época, entendia que alfabetizar passa por relacionar oralidade e escrita, exige uso de todos os sentidos, evoca o saber e o sabor. Sua aproximação especial das crianças, de suas especificidades, de carências e de suas potências nos faz pensar em cada aluno que chega à escola, bem como no coletivo que se forma quando se tecem relações entre os diferentes alunos de uma turma. Que complexidade!

Se considerarmos a possibilidade de desenhar a prática alfabetizadora a favor da aprendizagem de todos e de cada um, temos que refutar a ideia de que basta escolher um único método de alfabetização e segui-lo criteriosamente, porque não há método que sirva para todos. E, por maior que seja a contradição, documentos que balizam políticas públicas em sistemas municipais e estaduais, insistem em indicar um método para atingir a meta de alfabetizar a todos.

Em sua produção monográfica, Denise traz, de sua experiência com o cotidiano, uma análise interessante: *O aluno para o qual foram formadas [as professoras], o aluno para o qual as cartilhas se dirigem não é o mesmo que ela [a professora] encontra na sala de aula. A uniformidade que o manual confere ao aluno-palavra-papel é ilusória quando se está diante do aluno-menino-menina-gente.* (SILVA, 2003, p.10)

Como *professoras*, preocupadas também com o sucesso das crianças em seu processo de alfabetização, precisamos questionar os manuais que descrevem o perfil do aluno, o resultado dele esperado, os índices de aprovação referendados como bons, sem pensar que os índices escondem os sujeitos. Os números mascaram a vida.

Muito nos faz pensar o posicionamento de Gabriela Mistral (MISTRAL, apud ADAMS, 2010, p. 222) ante a postura pouco atenta às crianças: *Estamos doentes de muitos erros e outras tantas culpas, mas nosso pior delito se chama abandono da infância.* Essa doença, em alguns momentos, ainda nos acomete.

Essas mulheres militantes, escritoras, professoras, Nísia Floresta, Denise, Maria Lacerda, Stella, Angela, Gabriela Mistral nos mostram, com suas vidas, com suas contradições entre argumentos positivistas e militâncias, com seus instrumentos de luta, o movimento da história no qual estamos todos: um processo contínuo, infinito, também contraditório e extremamente potente, não em si mesmo, mas a partir do que homens e mulheres podem fazer com o que deles fazem: indignar-se e lutar, resistir e re-existir.

O desafio é perceber que a história nunca é neutra, há sempre as relações de poder em disputa e isso exige da mulher professora uma postura política. E este é um dos aspectos que compõem o(s) processo(s) de formação das professoras realçados nos textos monográficos.

Conhecer essas e outras mulheres, suas histórias de militância, pode ajudar a desconstruir a falsa identidade de mulher, de professora, na qual a fragilidade e a incapacidade são suas únicas características; pode também revelar outras possibilidades de ser mulher, de ser professora, num contínuo de processo de (trans)formação.

Diante do exposto, seria interessante que num projeto ou política de formação de professoras alfabetizadoras essa outra história da presença da mulher na docência pudesse ser contada a fim de inspirar tantas outras.

### **Referências Bibliográficas**

ADAMS, Telmo. *Gabriela Mistral e a educação das nossas crianças*. In: STRECK, Danilo R. (Org.) *Fontes da Pedagogia Latino-Americana: Uma Antologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CECEÑA, Ana Esther. *Los desafíos del mundo en que caben todos los mundos y la subversión del saber histórico de la lucha*. Buenos Aires. 2003

EGGERT, Edla. PACHECO, Joice Oliveria. *Maria Lacerda de Moura e a educação libertária para mulheres*. In: STRECK, Danilo R. (Org.) *Fontes da Pedagogia Latino-Americana: Uma Antologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

ESTEBAN, Maria Teresa. *Dilemas para uma pesquisa com o cotidiano*. In: GARCIA, R. L. (Org.) *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GARCIA, Lilian Simões. *As Aventuras de uma Professora-alice no País da Pesquisa & As Aventuras de Alunos-alice no País da Escola*. Niterói: UFF, 2003. (monografia)

MACEDO, Stella Maris Moura de. *Pequenas histórias e reflexões de uma professora alfabetizadora*. Niterói: UFF, 1997. (monografia)

MIGNOLO, Walter D. *Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. In: *Revista Gragoatá*, n. 22, p.11-41, 1º sem. 2007.

RAMOS, Angela Maria Parreiras. *Sou professora de 1ª a 4ª série e não professora alfabetizadora.*” *Algumas questões sobre o tornar-se professora alfabetizadora*. Niterói: UFF, 2001 (monografia)

ROSA, Graziela Rinaldi da. *Nísia Floresta e a reforma na educação no Brasil em busca da equidade de gênero*. In: STRECK, Danilo R. (Org.) *Fontes da Pedagogia Latino-Americana: Uma Antologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SILVA, Denise Cruz Candido da. *Nem mocinha, nem vilãs: professoras-pesquisadoras*. Niterói: UFF, 2003. (monografia)

SOUZA, Glória Maria Anselmo de. *Formação de professoras alfabetizadoras. Do individual ao coletivo, da reflexão à ação, uma prática que se constrói*. Niterói, UFF: 1999 (monografia).

VASCONCELOS, Fábio. *A mulher professora: gênero e constituição da identidade docente*. 27ª Rio de Janeiro: Cadernos Anped, 2004.